PAN

Planos de Ação Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção

ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA



PEQUENOS FELINOS
- 2° Ciclo -

SUMÁRIO EXECUTIVO

Os Planos de Ação Nacional (PAN) são instrumentos de gestão, construídos de forma participativa, para ordenamento e priorização de ações para a conservação de espécies ameaçadas de extinção em seus ambientes naturais. Esses planos buscam identificar, a partir das ameaças que põem em risco essas espécies, quais instrumentos de gestão devem ser orientados ou otimizados, visando um efeito benéfico direto.

No Brasil, há dez espécies de felinos distribuídos em todos os biomas, e dentre eles, temos oito de pequeno porte que, em alguns ecossistemas, ocupam o topo da cadeia alimentar. Eles exercem papel fundamental no equilíbrio ecológico, por meio das interações com as suas presas e outros predadores, influenciam a dinâmica das comunidades, a estrutura e a composição dos ambientes em que vivem.

Devido às suas características, são considerados importantes indicadores ecológicos de qualidade ambiental, embora estejam suscetíveis a uma ampla variedade de impactos e ameaças, principalmente causados por atividades humanas.

Atualmente, sete espécies de pequenos felinos estão ameaçadas de extinção no território brasileiro, principalmente pela degradação e fragmentação dos habitats naturais, atropelamentos, caça e transmissões de doenças. Diante desse cenário, tornou-se necessária a adoção de ferramentas eficazes para a conservação dessas espécies. O Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Pequenos Felinos surgiu, portanto, como um importante instrumento de gestão e implementação de medidas estratégicas para a proteção dessas espécies e seus respectivos ambientes naturais.

Os PANs coordenados pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) contam com a participação de uma rede de parceiros. O primeiro ciclo deste PAN (2013-2018) contou com sete Objetivos Específicos e a execução de suas ações resultou em 53 produtos, como relatórios técnicos, dissertações, teses e diversos artigos científicos. Neste segundo ciclo de vigência, o PAN busca ampliar os esforços de conservação, promovendo ações integradas para mitigar as principais ameaças que incidem sobre os pequenos felinos brasileiros.

Espécies Contempladas

O PAN é uma estratégia para a conservação de espécies brasileiras ameaçadas. A Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção, atualizada pela Portaria MMA nº 1.704, de junho de 2026, contempla sete espécies de pequenos felinos. Essa atualização incorporou a revisão taxonômica do gato-palheiro (*Leopardus colocola*), publicada no início da vigência deste 2º ciclo do PAN, que reconheceu cinco espécies distintas. Duas delas ocorrem no Brasil (*Leopardus munoai* e *Leopardus braccatus*) e tiveram seu estado de conservação avaliado e validado em 2023, passando a integrar oficialmente a Lista Nacional em 2026. Assim, o PAN Pequenos Felinos contempla sete espécies de pequenos felinos ameaçadas de extinção, sendo uma classificada como Criticamente em Perigo (CR), três Em Perigo (EN) e três Vulneráveis (VU).

Todas as espécies-alvo do PAN também estão incluídas nos anexos da Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES), da qual o Brasil é signatário desde 1975. A Convenção estabelece mecanismos para regulamentar o comércio internacional dessas espécies (e suas partes), contribuindo para reduzir sua exploração e fortalecer sua conservação.



Felipe Peters

Gato-palheiro-pampeano (*Leopardus munoai*)
Criticamente em Perigo (CR)

Indivíduos dessa espécie vivem somente no bioma Pampa (RS) nas áreas de campos abertos de gramíneas altas e secas ou arbustivas próximo a ambientes brejosos. Possuem hábitos tipicamente diurnos, pesam em média de 3,7 a 4 kg e alimentam-se de pequenos mamíferos, aves campestres, anfíbios, répteis e insetos.

Foto da capa: Gato-Palheiro-Pampeano (*Leopardus munoai*) - Felipe Peters

Gato-palheiro (*Leopardus braccatus*)
Em Perigo (EN)

Essa espécie costuma utilizar áreas abertas do bioma Cerrado e Pantanal, mas já foram registrados indivíduos utilizando áreas abertas de transição do bioma Mata Atlântica para Cerrado em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Possuem peso médio de 2,4 a 4 kg e têm hábitos tipicamente diurno-crepusculares, alimentando-se de pequenos mamíferos e aves de hábito terrícola.



Adriano Gambarini



Mariano Pairet

Gato-do-mato-do-sul (*Leopardus guttulus*)
Em Perigo (EN)

O gato-do-mato-do-sul utiliza áreas arbustivas de restinga e Cerrado e áreas florestadas da Mata Atlântica e Cerrado, das regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil. Podem chegar a 3,75 kg, alimentam-se de pequenos mamíferos, aves e répteis e apresentam período de atividade variável (diurno e noturno) devido a presença de competidores e atividade humana no local que habita.

Gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*)
Em Perigo (EN)

Este pequeno felino ocorre nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, porém em áreas muito restritas, pois utiliza ambientes com maior cobertura florestal e distante de perturbações humanas. Possuem hábitos tipicamente noturno-crepuscular, pesam no máximo 3,5 kg e alimentam-se principalmente de pequenos mamíferos, aves e répteis.



Francielly Reis



Mariano Pairet

Gato-maracajá (*Leopardus wiedii*)
Vulnerável (VU)

Apesar da ampla distribuição geográfica da espécie, ocorrendo em todos os biomas, estão restritamente associados a áreas florestadas e de matas mais densas, não utilizam campos e áreas abertas. De peso médio, variando entre 2,3 a 4,9 kg, o gato-maracajá alimenta-se à noite, especialmente de mamíferos de pequeno a médio porte, além de aves e répteis.

Gato-do-mato (*Leopardus geoffroyi*)
Vulnerável (VU)

De distribuição geográfica muito restrita, habitam a metade sul do estado do Rio Grande do Sul, associado ao bioma Pampa. Os indivíduos dessa espécie apresentam hábitos predominantemente noturnos, podendo, no entanto, exibir atividade diurna em períodos de escassez de presas e durante as estações mais frias. Alimentam-se de pequenos vertebrados como filhotes de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes, e pesam em média 2,4 a 7,8 kg.



K. Verhulst



Adriano Gambarini

Jaguarundi (*Herpailurus yagouaroundi*)
Vulnerável (VU)

O jaguarundi é encontrado amplamente no Brasil, ocorrendo em todos os biomas, mas em baixas densidades populacionais. Geralmente, utiliza ambientes florestais primários e secundários, savanas, formações florestais e arbustivas secas da Caatinga, restingas e manguezais. Aparentemente, a espécie não é encontrada em áreas convertidas em grandes extensões de pastagens e monoculturas. Apresenta hábito diurno com peso médio entre 3 e 7 kg.

Área de Abrangência do PAN

O PAN Pequenos Felinos - 2º ciclo abrange praticamente todo o território brasileiro — reflexo da ampla distribuição das sete espécies contempladas. Por conta disso e para atingir seus objetivos no período de cinco anos, foram estabelecidas suas Áreas Estratégicas. Para a definição dessas áreas, foram considerados a ocorrência das espécies-alvo, a localização das ameaças, o tamanho do impacto das ações para a conservação desses felinos, além da presença de articuladores e parceiros com projetos de conservação para as espécies.

O gato-maracajá depende de ambientes florestais para sobreviver. Na região de Cerrado em destaque, porém, 61,3% dos remanescentes de vegetação já perderam as condições necessárias para a ocorrência da espécie.



Foto: Adrian Antunez



Considerado uma espécie rara, o gato-palheiro-pampeano habita os campos naturais do bioma Pampa, como a APA do Ibirapuitã. O Pampa se encontra intensamente fragmentado por rodovias e áreas agrícolas. A perda desses ambientes e os atropelamentos estão entre as principais ameaças à sua sobrevivência.



Foto: Selma Ribeiro

Além de abrigar, no mínimo, três espécies-alvo do PAN, os remanescentes de Mata Atlântica da Serra da Mantiqueira são importantes protetores e mantenedores de mananciais que abastecem grandes centros urbanos.

Foto: Felipe Peters

Área de Abrângência PAN Peq. Felinos

Áreas Estratégicas

Biomas

- Amazônia
- Caatinga
- Cerrado
- Mata Atlântica
- Pampa
- Pantanal

Acesse a **Plataforma INDE - Infraestrutura Nacional de Dados Espaciais** para visualizar ou fazer o *download* dos dados geoespaciais da Área de Abrangência e das Áreas Estratégicas de cada PAN.

Unidades de Conservação

As Unidades de Conservação (UCs) são áreas naturais protegidas, criadas para conservar a biodiversidade e o patrimônio natural brasileiro. Dividem-se em duas categorias: Proteção Integral, que prioriza a preservação da natureza e permite apenas o uso indireto dos recursos naturais, e Uso Sustentável, que concilia a conservação da biodiversidade com o uso sustentável dos recursos naturais.

As UCs desempenham papel fundamental na conservação dos pequenos felinos, ao protegerem ambientes naturais essenciais para a manutenção de suas populações. Na área de abrangência do 2º ciclo do PAN, foram identificadas 268 UCs, sendo 80 federais de Proteção Integral, 122 federais de Uso Sustentável e 66 estaduais.



ICMBio

Parque Nacional da Serra da Capivara

O parque da Serra da Capivara, localizado no estado do Piauí, protege um dos maiores fragmentos contínuos de Caatinga preservada - bioma exclusivamente brasileiro e altamente ameaçado. Reconhecido como Patrimônio Cultural da Humanidade, abriga diversas espécies endêmicas e em risco de extinção.



ICMBio

Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O parque da Chapada dos Veadeiros, localizado em Goiás, protege uma extensa área de Cerrado, um dos biomas mais ricos e ameaçados do mundo, além de abrigar nascentes que formam bacias hidrográficas importantes, como a do rio Tocantins, contribuindo para a segurança hídrica regional.



ICMBio

Parque Nacional da Serra dos Órgãos

O parque da Serra dos Órgãos, localizado no Rio de Janeiro, abrange a paisagem e a biodiversidade de uma parcela da Serra do Mar. Além de possuir uma exuberante biodiversidade e apresentar várias espécies endêmicas e ameaçadas, é um dos parques mais antigos do país.



Eridiane Lopes da Silva

Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã

Localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul, a unidade tem grande importância ecológica por conservar ecossistemas típicos do bioma Pampa, como campos nativos, banhados e matas ciliares. Também contribui para a conservação dos recursos hídricos da região, incluindo os da bacia do rio Ibirapuitã.

Ameaças

A expansão da agropecuária, associada ao desmatamento de áreas nativas, ao uso frequente do fogo como ferramenta de manejo e à ampliação das áreas urbanas, bem como à instalação de grandes empreendimentos, promove a fragmentação e o isolamento das populações, comprometendo a conservação de áreas adequadas para a manutenção dos pequenos felinos.

Além dos impactos diretos sobre a perda e degradação de habitat, estudos apontam efeitos indiretos importantes, como alterações no comportamento, na ecologia e na diversidade genética das populações.

Essas mudanças decorrem da limitação do deslocamento entre áreas causadas pelas barreiras impostas pela paisagem alterada, reduzindo a conexão entre fragmentos e dificultando o fluxo gênico entre populações.

O incremento da malha viária, aliado ao intenso tráfego de veículos, representa outra ameaça relevante, provocando impactos diretos sobre a fauna, como atropelamentos que resultam na morte de indivíduos. Paralelamente, a crescente proximidade entre animais silvestres e seres humanos favorece interações com efeitos negativos sobre as populações naturais, incluindo predação, competição e transmissão de doenças. Nesse contexto, destaca-se a vulnerabilidade dos felinos silvestres à infecção por patógenos como o FIV (vírus da imunodeficiência felina), o FeLV (vírus da leucemia felina) e o CDV (vírus da cinomose canina), amplamente presentes em animais domésticos.

A caça ilegal também permanece como uma ameaça significativa para as espécies de pequenos felinos, ocorrendo frequentemente em decorrência de conflitos com proprietários rurais motivados pela predação oportunista de aves domésticas.

Além disso, a proximidade entre seres humanos e animais silvestres favorece a retirada indevida de filhotes do ambiente natural. Ao encontrá-los sozinhos, muitas pessoas acreditam que precisam de resgate ou tentam fotografá-los. No entanto, essa intervenção pode comprometer sua sobrevivência, uma vez que os filhotes correm o risco de serem abandonados pelas mães ou de entrarem em contato com vírus e outras enfermidades, dificultando ou mesmo impedindo seu retorno ao habitat natural.



Fábio Maffei



Rafael Martins Valadão



Edvaldo Neto



Projeto Felinos do Pampa

Principais ameaças que afetam negativamente as espécies de pequenos felinos: A) Expansão agropecuária e fragmentação da vegetação, B) Incêndio florestal, C) Desmatamento; e D) Atropelamento.

Estratégia do ICMBio para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção

Em novembro de 2019, foi realizada na sede do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (ICMBio/CENAP) a Oficina de Planejamento para a elaboração do segundo ciclo do PAN Pequenos Felinos. O evento reuniu 32 participantes, representando 26 instituições envolvidas na conservação das espécies-alvo. Durante a oficina, foram analisados e discutidos os desafios enfrentados na execução das ações previstas no ciclo anterior, bem como a atualização das informações sobre as ameaças que continuam incidindo sobre as espécies em questão. Esse processo possibilitou a definição de um novo objetivo geral, de objetivos específicos e de Áreas Estratégicas para a conservação. A construção participativa resultou em um conjunto de 35 ações voltadas à conservação das espécies-alvo deste ciclo.

O atual ciclo do PAN foi aprovado pela Portaria ICMBio nº 493/2022, com vigência até 2027 e está sob a coordenação do ICMBio/CENAP. O Grupo de Assessoramento Técnico (GAT), instituído pela Portaria ICMBio nº 3.609/2026, é responsável por acompanhar a implementação e a gestão do plano. Deste modo, o PAN integra o Programa Nacional de Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção – Pró-Espécies, instituído pela Portaria MMA nº 43/2014, que tem como objetivo promover ações de prevenção, conservação, manejo e gestão, visando minimizar as ameaças e reduzir o risco de extinção das espécies contempladas.

Matriz de Planejamento

Objetivo Geral		
Promover e integrar ações para mitigar as ameaças e ampliar o conhecimento sobre as populações de pequenos felinos, visando reduzir o risco de extinção em cinco anos.		
Nº	**Objetivos Específicos**	**Nº de ações**
01	Dimensionamento e mitigação de impactos decorrentes dos atropelamentos em empreendimentos rodoferroviários.	3
02	Dimensionamento e mitigação de impactos decorrentes do abate retaliatório e preventivo de pequenos felinos e da pressão de caça de suas presas.	5
03	Redução da remoção indevida de indivíduos vivos *in situ* e melhoramento dos procedimentos de recebimento, manutenção e destinação destes animais.	3
04	Investigação, prevenção e redução dos efeitos das interações negativas entre espécies de pequenos felinos silvestres e animais domésticos e exóticos.	8
05	Fortalecimento dos mecanismos e ferramentas institucionais para a manutenção e ampliação da conectividade da paisagem e da melhoria da qualidade do habitat.	4
06	Produção, integração e difusão de conhecimento para a conservação das espécies.	12
TOTAL		**35**

Baixe a **Matriz de Planejamento** para conhecer todas as ações do **PAN Pequenos Felinos**

Acesse a página do **PAN Pequenos Felinos** para saber mais.

Acesse a **Plataforma SALVE do ICMBio** para conhecer um pouco mais sobre cada uma das espécies do PAN.



Foto: K. Verhulst

COLABORAÇÃO

APOIO

REALIZAÇÃO

Atibaia, Outubro de 2026

Para saber mais sobre os PANs do ICMBio, acesse a página:
https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan